Quem eram os africanos?

Leia o texto a seguir que conta como viviam os povos africanos em sua [illegible] serem escravizados.

Durante milênios, a sabedoria dos antepassados foi mantida em cada re[illegible] como Congo, Zimbábue, Moçambique, Abomé, Ifé, Monomotapa (África Orie[illegible] Centenas de anos atrás, em cidades como Zanzibar, com casas perfumadas [illegible] ou Benin, com ruas cuidadas e limpas, casas feitas de barro e telhados de fo[illegible] mais, se encontravam, além de nobres e sacerdotes, excelentes carpinteiro[illegible] tas, construtores, agricultores, mineradores, ferreiros, contadores de histór[illegible] ções e comerciantes. Habitantes dos diferentes reinos africanos que, com suas [illegible] dialetos, preservavam a memória e o conhecimento.

Na África, muitas nações eram inimigas. Quando guerreavam, escravizavam [illegible] neiros, como fizeram povos de outras épocas e de outros lugares. [...]

No século XVI, espanhóis, franceses, holandeses, ingleses, portugueses — e [illegible] de brasileiros — começaram a "trocar" fumo, cachaça, pregos, facas e espingardas [illegible] negros africanos, que traziam dentro dos porões dos navios até os portos do [illegible] americano, onde eram vendidos. [...]

Muitos dos que embarcavam nos portos da costa africana não suportavam a terrível viagem e morriam durante a travessia do Atlântico, em meio à fome, doenças e maus-tratos.

Adaptado de: CASTANHA, Marilda. *Agbalá*. São Paulo: Formato, 2001.

Navio negreiro, do pintor alemão Johann Moritz Rugendas, c. 1830.

A partir do texto

1. Observe a imagem acima e descreva no caderno as condições em que os africanos [illegible] dos viajavam.
2. Pensando em como os africanos viviam na África, o que eles perderam quando foram [illegible] vizados? Converse com seus colegas e relacione no caderno os aspectos levantados.
3. Leia para os colegas as suas respostas e ouça as deles.

[illegible] tráfico de escravos

Os portugueses conheciam a costa africana desde que começaram a procurar um novo [illegible]minho para as Índias e tinham contato com povos africanos desde 1415. A partir de 1441 [illegible] tráfico de escravos tornou-se uma atividade regular e lucrativa.

Calcula-se que mais de 2 milhões de africanos tenham sido trazidos para o Brasil, sem [illegible]tar aqueles que morreram durante a viagem.

Os padres **jesuítas** se opunham à escravidão indígena, e a comercialização de escravos [illegible]ricanos era um negócio muito lucrativo. Ao transportar os africanos, o traficante aproveita[illegible]a para comercializar produtos durante a viagem. O governo português cobrava impostos [illegible]bre o tráfico. Quem comprava escravos passava a ter mão de obra de graça.

Para justificar o tráfico de escravos, os europeus afirmavam que os africanos eram sel[illegible]gens e inferiores a eles. Ignoraram toda a riqueza da cultura africana, sua **diversidade** [illegible]igiosa e cultural. Os africanos eram chamados de "peças" e tratados dessa forma.

No Brasil, os portugueses espalhavam a ideia de que os africanos eram traiçoeiros e [illegible]guiçosos. Era uma forma de tentar justificar o injustificável: a escravidão. Nasciam aí o [illegible]conceito e a **discriminação** contra os povos de origem africana.

4. Com seus colegas e seu professor, relacione os fatos relatados no texto com o conceito atual de direitos humanos.

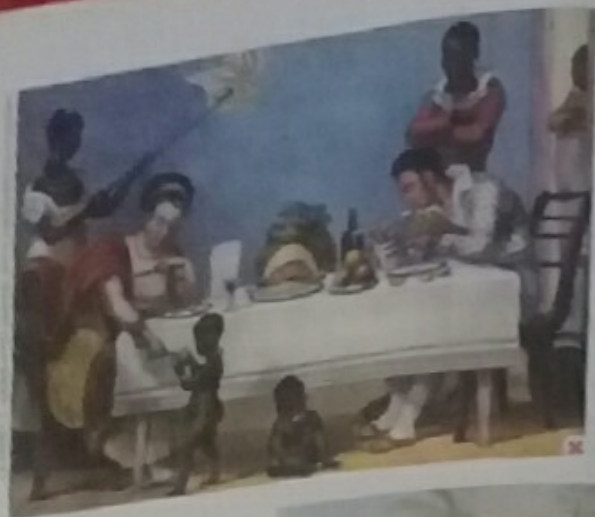
[illegible] trabalho escravo na sociedade baiana

Os africanos trazidos para o Brasil participaram de todas as atividades desenvolvidas na [illegible]hia, assim como nas outras regiões do país para onde foram levados.

Na Bahia, eram comprados principalmente para trabalhar na lavoura de cana-de-açú[illegible] do Recôncavo, mas também foram utilizados como mão de obra nas lavouras de fumo [illegible] de algodão, no serviço doméstico e no artesanato. Eram revendidos e até alugados.

Os comerciantes jogavam [illegible]gua sobre os africanos que [illegible]egavam nos navios e manda[illegible]am que eles passassem óleo [illegible]a pele para disfarçar as coceir[illegible]as e o abatimento da viagem, [illegible]ois temiam que a má aparên[illegible]a diminuísse o preço que a "peça" (como o escravo era chamado) poderia alcançar.

Observe nas páginas seguin[illegible]es algumas obras do pintor [illegible]ancês Jean-Baptiste Debret que [illegible]etratam o cotidiano dos escra[illegible]os na cidade do Rio de Janeiro.

Africanos escravizados recém-chegados ao Rio de Janeiro, gravura de Henry Chamberlain, 1819-1820.

O jantar no Brasil, de Jean-Baptiste Debret, c. 18[illegible]

Negros vendedores de aves, de Jean-Baptiste Debret, c. 1830.

Barbeiros ambulantes, de Jean-Baptiste Debret, c. 18[illegible]

De acordo com o trabalho que realizavam, os africanos eram chamados de:

- **escravos de ganho**: aqueles que vendiam produtos do senhor e ficavam com parte do dinheiro ganho, que juntavam para comprar sua liberdade.
- **escravos do campo**: aqueles que trabalhavam na lavoura, plantando e cortando cana, cultivando tabaco e algodão etc.
- **escravos de ofício**: aqueles especializados em atividades como o preparo do açúcar nos engenhos ou que trabalhavam como carpinteiros, barbeiros, pedreiros, ferreiros etc.
- **escravos domésticos**: faziam os serviços de casa, convivendo com a família do senhor. Arrumavam e limpavam a casa, cozinhavam, serviam a mesa e carregavam bagagens, além de transportar os senhores e sua família em liteiras.

Mulher sendo conduzida em liteira, de Henry Koster, c. 1816.

Mercado da rua Valongo, de Jean-Baptiste Debret, c. 1830.

Os africanos escravizados dormiam em senzalas, habitações sem divisões internas e sem janelas, e eram constantemente vigiados.

Trabalhavam de sol a sol, em condições extremamente duras, e sofriam castigos físicos. Praticamente não tinham descanso, pois aos domingos cultivavam um pequeno roçado para o próprio consumo.

O trabalho nas fazendas era tão pesado que a vida útil de um escravo não costumava ultrapassar dez anos, e, desde pequenos, seus filhos o substituíam.

A partir do texto

1. No caderno, descreva as cenas apresentadas nas imagens das páginas 69, 70 e 71.
2. O padre jesuíta Antonil, que viveu no Brasil no século XVII, afirmou: "Os escravos são as mãos e os pés do senhor". O que terá ele observado para chegar a essa conclusão? Qual é a sua opinião sobre isso?
3. Leia suas respostas para os colegas e ouça as respostas deles.
4. Quais as consequências da escravidão para os afrodescendentes no Brasil de hoje? Responda no caderno.

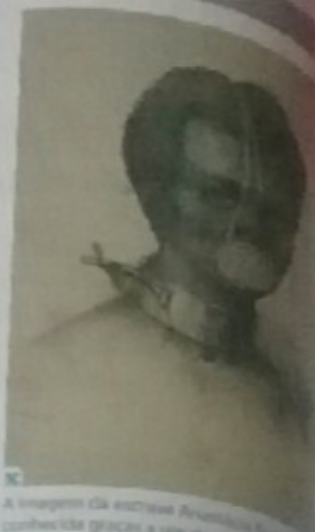
Memória viva

O desenho ao lado retrata uma ex-princesa de origem banta que tinha no rosto uma espécie de mordaça de metal e no pescoço uma corrente de ferro.

Não se sabe se essa personagem realmente existiu, mas contam-se histórias de uma escrava chamada Anastácia, que era muito bonita.

Um dos filhos do feitor da fazenda, apaixonado por ela, insistia para que ela correspondesse a seus sentimentos. Por se negar a ceder à vontade do filho do feitor, Anastácia enfrentou grandes dificuldades, sem nunca perder sua altivez e dignidade. Uma máscara de ferro foi colocada em seu rosto e só era retirada na hora das refeições. Anastácia suportou esse castigo por longos anos de sua existência.

As mulheres e as filhas dos senhores de escravos incentivaram a manutenção da máscara, porque tinham inveja da beleza de Anastácia.

Adaptado de: [illegible]. Acesso em: [illegible] 2008.

A imagem da escrava Anastácia [illegible] conhecida graças a um desenho [illegible] século XIX pelo francês Jacques [illegible]

As integrantes da banda Didá, formada só por mulheres, se apresentam usando [illegible] de mordaça para lembrar a escrava Anastácia. Veja a foto abaixo.

O Projeto Didá, iniciado por Antônio Luiz Alves de Souza (1955-2009), criou a Didá [illegible] de Música e Dança com o objetivo de dar melhores condições de vida às mulheres [illegible]

Percussionista da banda Didá com máscara inspirada na escrava Anastácia.

Apresentação do bloco Didá, com a banda Didá, no Carnaval de 2008 em Salvador.

Pergunte às pessoas de sua casa se conhecem outros projetos que se dedicam à [illegible] vida da população afrodescendente da Bahia. Registre o que você descobrir e [illegible] seus colegas e para seu professor.

Viver bem

Racismo é crime

Racismo é crime. É o que diz a Constituição brasileira de 1988. Leia os trechos a seguir.

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Art. 20º Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Agora leia um trecho da canção "Lavagem cerebral", de Gabriel, o Pensador.

[...]

Não seja um ignorante

Não se importa com a origem ou a cor do seu semelhante

O que que importa se ele é nordestino e você não?

O que que importa se ele é preto e você é branco?

Aliás branco no Brasil é difícil porque no Brasil somos todos mestiços

Se você discorda então olhe pra trás

Olhe a nossa história

Os nossos ancestrais

O Brasil colonial não era igual a Portugal

A raiz do meu país era multirracial

Tinha índio, branco, amarelo, preto

Nascemos da mistura então por que o preconceito?

Disponível em: [illegible]. Acesso em: jun. 2010.

1. Com a lei escrita na Constituição, o preconceito deixa de existir?
2. Na canção "Lavagem cerebral", qual é a mensagem do autor?
3. Que relação é possível estabelecer entre o texto da lei e o texto da canção?
4. Que tal elaborar uma campanha de conscientização na sua escola? Vocês podem criar folhetos, cartazes, canções, uma peça de teatro, enfim, diferentes maneiras de dizer que racismo, além de ignorância, também é crime!